

A hand holding a chain with a circular pendant against a dark background. The hand is positioned at the top left, and the chain hangs down towards the bottom center. The background is a dark, textured brown. The text is overlaid on the right side of the image.

EDGAR A. POE

REVELAÇÃO MESMERIANA

ADAPTAÇÃO E APRESENTAÇÃO
Renato Massaharu Hassunuma

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

Título original

Mesmeric Revelation

Conselho Editorial

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACSM

PROF.^a DR.^a RENATA DE SOUSA TSCHIEDEL

Doutora em Neurociências do Comportamento e Cognição pela Universidade de Brasília (UnB)

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa

Fonte: Cottonbro Studio. Person in black long sleeve shirt holding silver necklace [Internet]. 2020 Aug 04 [Acesso 23 jul 2023]. Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/person-in-black-long-sleeve-shirt-holding-silver-necklace-5028426/>. Figura registrada como: *Free to use. Attribution is not required.*

Página 4 – Foto de Edgar Allan Poe

Fonte: File:Edgar Allan Poe, circa 1849, restored, squared off.jpg [Internet]. 1849 Jun [Acesso 25 jul 2023]. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Edgar_Allan_Poe,_circa_1849,_restored,_squared_off.jpg. Figura registrada em domínio público.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P798R Poe, Edgar A., 1809-1849
1.ed. Revelação mesmeriana [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; tradução e adaptação: Renato Massaharu Hassunuma. – 1ª ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2023.
PDF.

Título original: Mesmeric revelation.
ISBN 978-85-7917-614-2

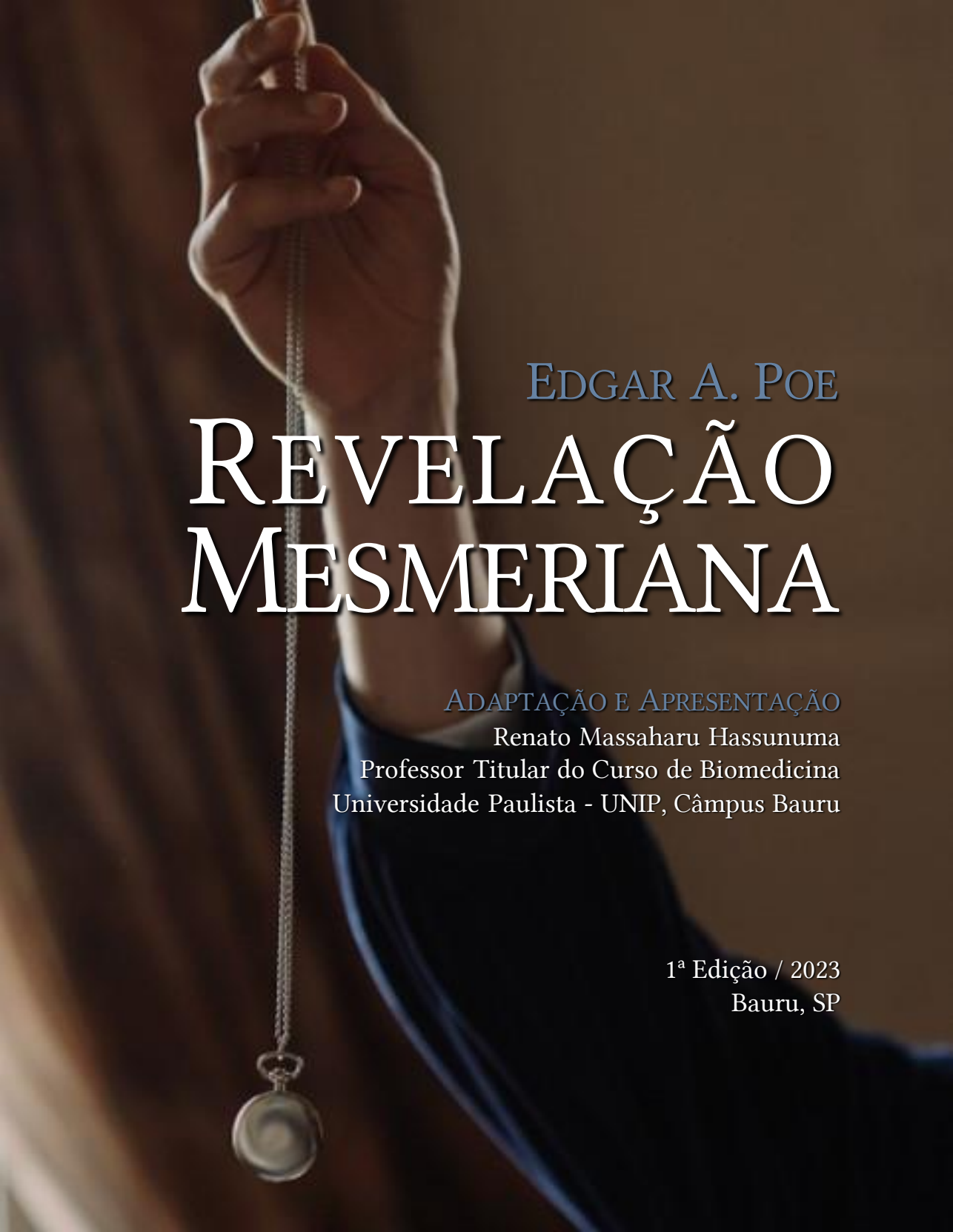
1. Ficção norte-americana. I. Poe, Edgar A., 1809-1849.
II. Hassunuma, Renato Massaharu. III. Título.

08-2023/37

CDD 811.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 811.3

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



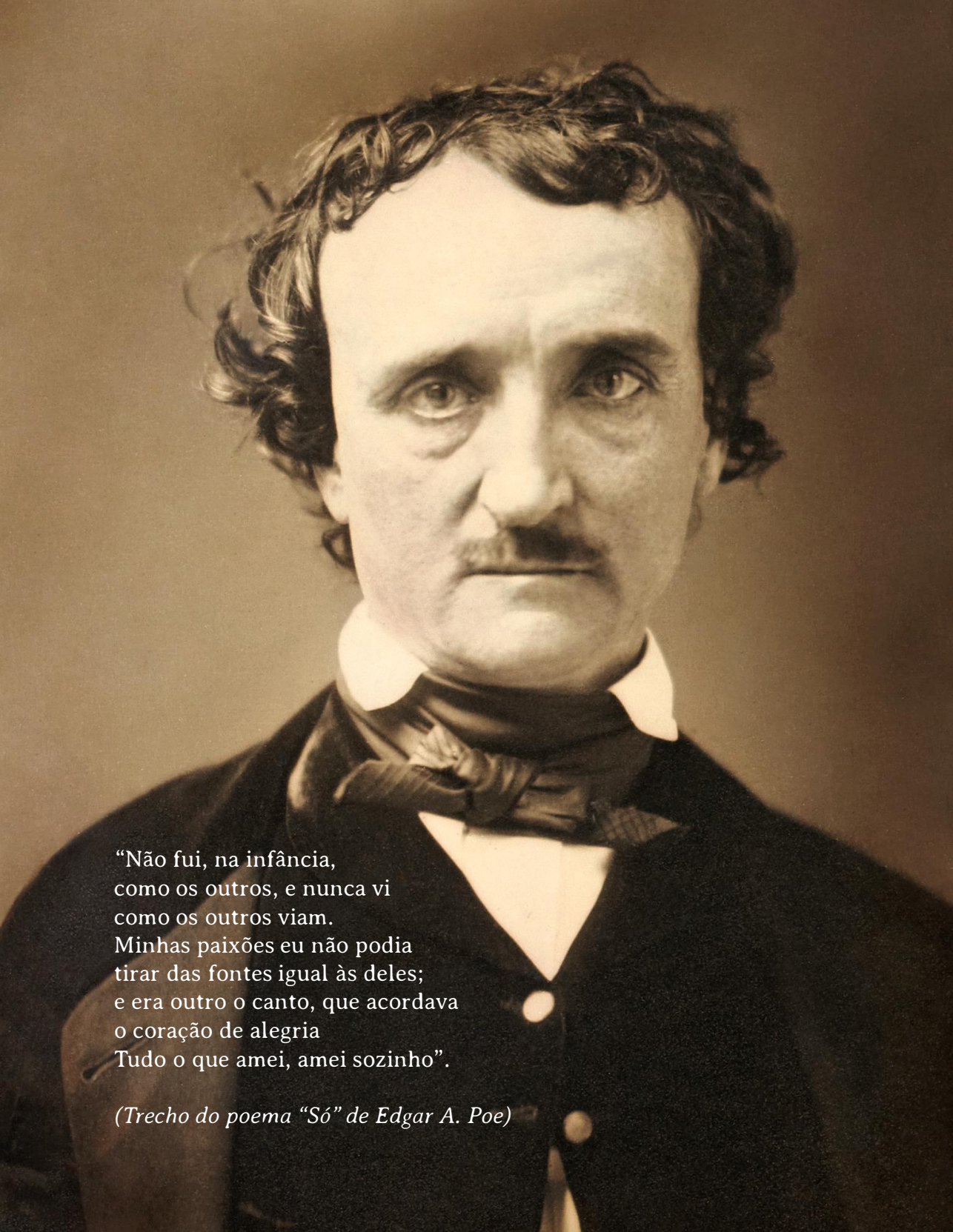
EDGAR A. POE

REVELAÇÃO MESMERIANA

ADAPTAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma
Professor Titular do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru

1ª Edição / 2023
Bauru, SP



“Não fui, na infância,
como os outros, e nunca vi
como os outros viam.
Minhas paixões eu não podia
tirar das fontes igual às deles;
e era outro o canto, que acordava
o coração de alegria
Tudo o que amei, amei sozinho”.

(Trecho do poema “Só” de Edgar A. Poe)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à **Prof.^a Dr.^a Renata de Sousa Tschiedel** e ao **Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva**, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

A close-up photograph of a hand holding a thin metal chain. The chain hangs down, ending in a circular, metallic pendant. The background is dark and out of focus, with a blue sleeve visible on the right side. The lighting is dramatic, highlighting the hand and the chain.

EDGAR A. POE

REVELAÇÃO
MESMERIANA

REVELAÇÃO MESMERIANA

O mesmerismo, também conhecido como hipnose, é uma prática conhecida e aceita por quase todas as pessoas. Existem aqueles que duvidam de sua eficácia, mas são os incrédulos por natureza. Nos tempos atuais, não há porque provar o que já foi comprovado e é de conhecimento geral, especialmente para aqueles que não querem acreditar. Por meio do mesmerismo, é possível manter o paciente em condições semelhantes às da morte. Nesse estado, o paciente utiliza apenas os órgãos dos sentidos e consegue desenvolver uma percepção que vai além do mundo material. As capacidades mentais do paciente são ampliadas e melhoradas. A interação com o hipnólogo é profunda e a suscetibilidade à hipnose aumenta. Os fenômenos observados durante a hipnose são cada vez mais evidentes e duradouros. Esses são os princípios básicos do mesmerismo.

Assim, no meu ponto de vista, é desnecessário provar tudo isso para aqueles que não querem acreditar. Até mesmo para você, leitor. Por isso, meu objetivo neste relato é outro. É o de descrever o que ocorreu entre mim e um paciente hipnotizado.

Há tempos eu atendia o Sr. Vankirk, um paciente bastante suscetível à hipnose. Já fazia alguns meses que ele estava sob tratamento de tuberculose pulmonar, havendo uma melhora significativa nas manifestações clínicas quando ele era submetido à hipnose.

Certa noite, em uma certa quarta-feira e em um certo dia quinze, fui chamado para visitá-lo. O Sr. Vankirk apresentava dores agudas na região cardíaca e dispneia, mostrando um quadro clínico compatível ao de asma brônquica. Em tais situações, ele geralmente melhorava com um tratamento caseiro com aplicação de mostarda em alguns centros nervosos. Mas não naquela noite.

Ao entrar em seu quarto, Sr. Vankirk me cumprimentou com um belo sorriso. Embora apresentasse muita dor, sua feição era tranquila.

- Pedi que chamassem o senhor esta noite – ele me disse – Não por causa das minhas dores, mas por causa de algumas sensações que têm me causado ansiedade e dúvida. O senhor sabe que eu não acredito na imortalidade do espírito. Mas não posso negar que nesse mesmo espírito meu existe algum pressentimento de realidade. Nunca me senti convicto em relação a essa sensação. Ainda mais usando a minha razão. Estudei o assunto, mas me tornei ainda mais cético. Li obras de Cousin, e o livro “Charles Elwood” do Sr. Brownson. Estudei tudo com a máxima atenção possível. As leituras pareciam me trazer alguma lógica, mas alguns trechos não conseguiam convencer nem os próprios autores. E isso foi suficiente para me manter incrédulo. Resumindo, não fui convencido pelos estudos.

Ele continuou seu relato:

- Percebi que, se uma pessoa precisa acreditar intelectualmente na imortalidade, ela nunca conseguirá por meio dos conhecimentos existentes, os quais por tanto tempo foram moda entre moralistas da Inglaterra, França e Alemanha. Essas reflexões podem ser divertidas, mas não são racionais. No mundo material em que vivemos, a Filosofia pode até apelar, a vontade pode concordar, mas a razão e a inteligência não. Repito que tive uma sensação, mas foi algo que nunca consegui acreditar racionalmente. Mas, pensando melhor agora, sinto uma certa clareza no que percebi. Uma sensação consciente, que pode ter sido devido ao tratamento hipnótico. Não consigo explicar como a hipnose intensifica o que sinto durante o transe. Enquanto estou sob efeito do tratamento mesmeriano, o raciocínio e a conclusão, a causa e o efeito parecem estar juntos. Fora do tratamento, em condições normais, quando a causa desaparece, apenas o efeito permanece, mesmo que parcialmente. Isso me levou a pensar que poderíamos fazer algumas descobertas se você me fizer algumas boas perguntas durante o meu transe hipnótico. Uma vez, o senhor me disse que algumas pessoas adquirem um profundo autoconhecimento durante as sessões de hipnose. Sendo assim, acho que pode me ajudar a organizar as minhas ideias.

Achei muito interessantes as colocações do Sr. Vankirk. Desta forma, concordei em realizar uma experiência. Submeti o paciente à hipnose. Ele apresentava uma respiração tranquila, sem qualquer mal-estar.

Apresento, a seguir, a minha conversa com o Sr. Vankirk durante a sessão de hipnose realizada na ocasião. No diálogo reproduzido, V. indica as falas do Sr. Vankirk, e P. indica as minhas próprias falas.

- P. Está com sono, Sr. Vankirk?
- V. Estou, mas gostaria de dormir mais profundamente.
- P. (Depois de mais algumas manobras) O senhor está se sentindo melhor agora?
- V. Agora sim.
- P. Como percebe sua doença? Qual será o resultado dela?
- V. (Depois de hesitar e falando com certo esforço) Acho que vou morrer.
- P. A ideia de morrer o aflige?
- V. (Rapidamente) Não!
- P. Você está satisfeito com o prognóstico de sua doença?
- V. Se eu estivesse acordado agora, eu gostaria de morrer, mas agora isso já não me importa mais. A hipnose me mantém perto da morte o suficiente para que eu não a deseje mais.
- P. Como assim? Por favor, me explique, Sr. Vankirk.
- V. Eu quero lhe explicar, mas não tenho forças. Você não está fazendo as perguntas certas.
- P. O que devo perguntar então?
- V. Comece do começo.
- P. Mas quando foi o começo?
- V. Deus é o princípio de tudo. Você sabe disso. (Disse com uma voz baixa, mostrando profunda adoração).
- P. Quem é Deus?
- V. (Hesitante por algum tempo) Não posso dizer.
- P. Deus é um espírito?

- V. Enquanto eu estava acordado, eu compreendia o significado da palavra "espírito", mas agora me parece apenas um adjetivo qualquer, como verdadeiro, beleza.
- P. Mas Deus não é ser imaterial?
- V. A imaterialidade não existe! Isso é só uma palavra. O que não é matéria, não existe.
- P. Deus é um ser material, então?
- V. Não! (Essa resposta me assustou muito).
- P. Então, o que Ele é?
- V. (Depois de uma longa pausa, com uma voz fraca). É complicado. (Outra longa pausa). Ele não é um espírito, porque Ele existe. Nem é matéria, da forma como entendemos. Mas Ele não se importa com a forma como você O entende. Existe um gradiente da matéria cujas partes não são compreendidas pelo homem. O tamanho das partículas que constituem a matéria vai diminuindo em um gradiente que nos leva até à matéria não particulada. Essa matéria não particulada, conhecida também como suprema, penetra e movimenta todas as coisas. Assim, corresponde a todas as coisas dentro de si mesmas. Deus é essa matéria. É o que chamamos de pensamento, ou seja, a matéria não particulada em movimento dentro de cada coisa.
- P. Os metafísicos dizem que toda ação pode ser reduzida a um movimento e um pensamento.
- V. Sim. Entendo a confusão de ideias. O movimento é uma ação da mente. A matéria não particulada em repouso é o que chamam de mente. A matéria não particulada colocada em movimento corresponde ao pensamento. Não sei explicar como descobri isso e nunca saberei.

- P. Você pode me explicar melhor o que é essa matéria não particulada?
- V. Os conhecimentos que o homem tem sobre a matéria são limitados e vão se reduzindo à medida que a matéria é formada por partículas cada vez menores. Um pedaço de metal, uma farpa de madeira, uma gota d'água, a atmosfera, um gás, o calor, a eletricidade, o éter luminífero... todas essas coisas têm ou fazem parte da matéria. A percepção da matéria é bem diferente se compararmos o metal com o éter luminífero. O último se parece com algo semelhante ao conceito de espírito. Mas isso não é verdade pelo fato de sabermos da existência de átomos compondo o éter luminífero. Devemos nos lembrar do conceito de átomo, que corresponde a uma partícula da matéria de pequeno tamanho e peso. Se destruímos a constituição atômica da matéria, o que sobra é o seu espírito, por falta de uma palavra melhor. Imaginando uma outra substância mais rarefeita que o éter luminífero, chegamos a uma massa única, a matéria não particulada. Embora possamos admitir seu tamanho infinitamente pequeno, o espaço entre seus átomos é absurdo. Apesar de existir um grau imenso de rarefação, há átomos em número suficiente para fazer com que a massa se unifique como um todo. Mas se a massa atômica for retirada, permanece o espírito. É impossível explicar o que é esse espírito. Porque é impossível imaginar aquilo que não possui matéria. Quando parece que estamos entendendo, na verdade estamos enganando nossa inteligência.

- P. Não consigo entender esse conceito de unificação dos átomos da matéria. Sabemos que a resistência da matéria é diretamente proporcional à sua densidade. A unificação absoluta da matéria é a sua densidade absoluta. Se não há espaços entre os átomos, não há passagem entre eles. O éter luminífero, completamente denso, poderia ser um obstáculo mais forte no caminho de uma estrela do que o diamante ou o ferro.
- V. Entendo, mas posso responder facilmente. Sobre essa questão, não existe diferença se a estrela passa pelo éter luminífero ou se o éter luminífero pela estrela. É um erro tentar explicar a matéria não particulada por meio desse exemplo. O retardo observado é o mesmo que o do atrito causado pelo éter luminífero na passagem de uma estrela.
- P. Mas em relação a isso tudo, na identificação da matéria não particulada com Deus, não há algo desrespeitoso nesse assunto? (Repeti essa pergunta antes que o Sr. Vankirk compreendesse o que eu realmente gostaria de dizer).
- V. Você está sugerindo que a matéria seja menos importante que o pensamento? O que falo é sobre o "pensamento" ou o "espírito", em todos os aspectos e em relação às suas altas capacidades. Deus, com todos os Seus poderes atribuídos ao espírito, é a perfeição da matéria.
- P. Deixe-me ver se entendi. Você quer dizer, então, que a matéria não particulada, posta em movimento, é o pensamento?

- V. De forma geral, o movimento da matéria não particulada é o pensamento da mente universal. Esse pensamento cria. Todas as coisas são criadas pelos pensamentos de Deus.
- P. Você diz "de forma geral".
- V. Sim. A mente universal é Deus. Para novas individualidades, a matéria é necessária.
- P. Mas você explica o "pensamento" e a "matéria" da mesma forma que os metafísicos.
- V. Sim, para evitar confusão. Quando digo "pensamento", me refiro à matéria não particulada. Por "matéria", me refiro a todo o resto.
- P. Você estava dizendo que "para novas individualidades, a matéria é necessária".
- V. Sim, porque o pensamento não incorporado à matéria é meramente Deus. A existência de indivíduos pensantes depende da presença do pensamento divino. Assim, o homem é individualizado. Sem a matéria que o compõe, o homem seria Deus, pois o movimento da matéria não particulada é o pensamento do homem e o movimento do todo é o de Deus.
- P. Você quer dizer que, desprovido do seu corpo, o homem é Deus?
- V. (Depois de certa hesitação) Eu não posso afirmar isso. Seria um absurdo.
- P. (Consultando minhas anotações) Você disse que "sem a matéria que o compõe, o homem seria Deus".
- V. Sim. E isso é verdade. O homem desprovido da matéria que o compõe seria Deus. Mas não seria individualizado.

- V. (Continuando) Além do que ele nunca poderia ser desprovido da matéria. Pelo menos, nunca será. O homem é uma criatura. As criaturas são pensamentos de Deus. É da natureza do pensamento ser definitivo.
- P. Eu não compreendo. Você quer dizer que o homem nunca se libertará de seu corpo?
- V. Eu digo que ele nunca existirá sem seu corpo.
- P. Por favor, me explique melhor.
- V. Em cada um de nós existem dois corpos: um rudimentar e um completo, como o da lagarta e o da borboleta. Aquilo que chamamos de "morte" corresponde a uma metamorfose dolorosa. A encarnação que vivemos é preparatória, progressiva e temporária. O nosso futuro é imortal, perfeito e definitivo. A nossa vida final é o corpo completo.
- P. Mas todos nós conhecemos a metamorfose da lagarta.
- V. Nós sim. Mas não a lagarta. A matéria que compõe o nosso corpo rudimentar está dentro do alcance dos nossos órgãos dos sentidos. Ou, mais claramente, os nossos órgãos rudimentares são adaptados à matéria que compõe o corpo rudimentar, mas não ao nosso corpo composto. O corpo composto não pode ser percebido pelos nossos sentidos rudimentares. Percebemos apenas um casulo que se decompõe. Não o ser que existe em seu interior.
- P. Mudando de assunto, por que você sempre compara o estado do transe hipnótico com a morte?
- V. Porque quando estou sob efeito da hipnose, os meus sentidos são anulados e percebo o meio exterior diretamente, sem usar nenhum dos órgãos do sentido, como usarei no final da minha vida.

P. Como assim?

V. Os órgãos dos sentidos permitem que uma pessoa perceba a matéria. São adaptados apenas ao corpo rudimentar. No final da vida, existe uma compreensão do que vai além da realidade, relacionada ao movimento da matéria não particulada. Há uma percepção do corpo composto, incapaz de compreendermos com nosso corpo rudimentar. Mas isso ainda não é Deus. Há uma aproximação que nos permitirá compreender o que Ele realmente é. Se pensarmos que um corpo luminoso transmite vibrações, estas geram outras no interior da retina, que se comunica com o nervo óptico. O nervo transmite informações ao cérebro, o qual é semelhante à matéria não particulada que o permeia. O movimento da matéria não particulada é o pensamento. É desta forma que a mente se comunica com o mundo externo, o qual é limitado pelas capacidades de seus órgãos dos sentidos. Mas, no final da vida, o mundo externo atinge todo o corpo, que vibra, colocando a matéria não particulada em movimento. A nova percepção que obtemos no final da vida ocorre porque não temos órgãos sensoriais específicos. Para nós, seres rudimentares, os órgãos são gaiolas necessárias para nosso crescimento.

P. Você mencionou os seres rudimentares. Mas existem outros seres rudimentares pensantes além do homem?

V. Existe matéria em nebulosas, planetas, sóis e outros corpos celestes, os quais tem como propósito permitir haver vida para um número enorme de seres rudimentares. Se não houvesse necessidade de outros seres rudimentares existirem, anterior ao final da vida, os corpos celestes também não existiriam. Cada um deles é habitado por uma grande variedade de criaturas orgânicas, rudimentares e pensantes.

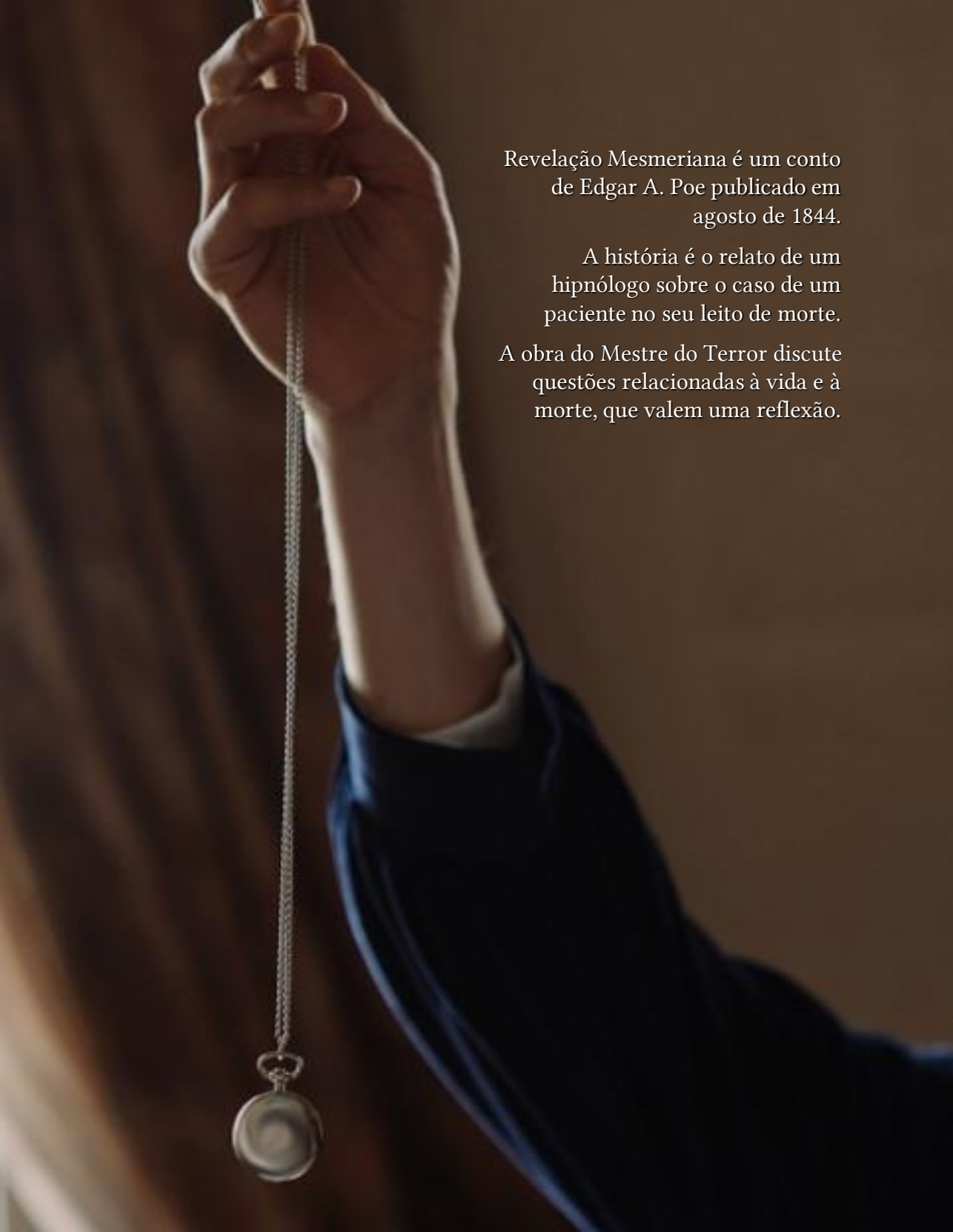
- V. (Continuando) Na morte, ou no que chamamos anteriormente de metamorfose, os seres rudimentares, desfrutando da imortalidade e cientes de quase todos os segredos, habitam não apenas nas estrelas, que para nós parecem ser as únicas palpáveis. Para a acomodação dos novos espaços criados, uma vastidão engole as sombras das estrelas, apagando-as como entidades não percebidas pelos anjos.
- P. Você diz que "Se não houvesse necessidade de outros seres rudimentares existirem, anterior ao final da vida, os corpos celestes também não existiriam". Mas de onde vem essa necessidade?
- V. Na vida inorgânica, assim como na matéria inorgânica em geral, nada há que impeça a ação de uma lei única e simples: a Vontade Divina. Com o objetivo de produzir um impedimento, a vida orgânica e os diferentes tipos de matéria foram criadas.
- P. Mas por que esse impedimento foi criado?
- V. Quando a lei mencionada anteriormente não é violada, o resultado é perfeição, justiça e felicidade. Quando ocorre a violação da lei, o resultado é imperfeição, injustiça e dor. É por meio dos impedimentos que ocorrem as violações da lei. Assim, a dor, que na vida inorgânica é impossível, torna-se possível na vida orgânica.
- P. Mas, novamente, por que criar estes impedimentos?
- V. Todas as coisas são boas ou más por comparação. Analisando o prazer, por exemplo, pode ser considerado o contraste da dor. O prazer positivo é meramente um conceito. Para sermos felizes, também devemos sofrer ao mesmo tempo. Se não houvesse sofrimento, não haveria benção.

- V. (Continuando) Na vida inorgânica, a dor não é necessária, mas na vida orgânica sim. A dor presente nos seres rudimentares é necessária para a felicidade da vida final no Céu.
- P. Mas mesmo assim, não consigo entender a vasta imensidão do infinito.
- V. Há muitas coisas na Terra que nada significariam para os habitantes de Vênus. Há muitas coisas visíveis em Vênus que não poderíamos considerar como existentes. Mas, para os seres inorgânicos, como os anjos, toda a matéria não particulada é uma substância, ou seja, tudo o que chamamos de "espaço" é substancial para eles. As estrelas, entretanto, de acordo com sua materialidade, escapam ao sentido angélico, exatamente como a matéria não particulada escapa dos nossos sentidos orgânicos.

(Fim do relato).

Enquanto o Sr. Vankirk pronunciava estas últimas palavras, com uma voz bem fraca, observei uma expressão estranha em seu rosto, que me assustou e me levou a acordá-lo imediatamente. Assim que fiz isso, ele caiu de volta no travesseiro com um sorriso brilhante iluminando seu rosto e expirou. Em menos de um minuto seu corpo já apresentava uma rigidez cadavérica. Sua testa estava fria.

Normalmente, isso só deveria aparecer se houvesse morrido há algum tempo. Durante a última parte de seu discurso, o Sr. Vankirk teria conversado comigo a partir das profundezas das sombras?

A close-up photograph of a hand holding a thin metal chain. The chain hangs vertically, ending in a circular, metallic pendant. The background is dark and out of focus, with a warm, golden light source creating a soft glow on the hand and the chain. The hand is positioned in the upper left quadrant, with fingers gently gripping the top of the chain. The chain is made of small, interconnected links, and the pendant is a simple, flat, circular disc.

Revelação Mesmeriana é um conto
de Edgar A. Poe publicado em
agosto de 1844.

A história é o relato de um
hipnólogo sobre o caso de um
paciente no seu leito de morte.

A obra do Mestre do Terror discute
questões relacionadas à vida e à
morte, que valem uma reflexão.